

## Saturninos: um encontro entre olhar e espaço

### Luciano Bernardino da Costa

Cientista Social e Fotógrafo, doutor pela FAU-USP, professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas) e do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU/USP), pesquisador do Núcleo de Estudos das Espacialidades Contemporâneas (NEC-IAU/USP), Av. Trabalhador São-carlense 400, Centro, CEP 13566-590, São Carlos, SP, Brasil, lbcosta45@gmail.com

**D**o encontro entre diferentes modos de registro origina-se este texto: a escrita próxima a uma descrição geográfica; a memória dos percursos realizados pelo observador-fotógrafo, o confronto com o espaço em processo. Esta interseção compõe os recortes de “Saturnino”, como aproximações possíveis formadas por uma teia de olhares, a qual pode ser ampliada e revisitada nas fotografias. Ao final, tem-se uma espécie de exercício de escrita, como uma imagem do pensamento que se desdobra em diferentes possibilidades de expressão do percebido.

### Saturnino I - edificação

Há uma mecânica fluída na aspereza das formas da barragem de Saturnino. Sua brutalidade retilínea combina com as dobras sutis da estrutura, afim de realizar a função de contenção e dispersão das águas, no volume necessário ao vale que se alonga em direção à cidade. Em uma de suas extremidades, o acesso à barragem inaugura uma extensa passarela, onde sucedem as bases dos guarda-corpos compondo um ritmo em que os encaixes em concreto coroam a forma trapezoidal que configura o talude.

Atravessar tal extensão é perceber-se como corpo diminuto que antecipa a outra extremidade, comprimido pelo lago aprazível em oposição à vista da cidade. Ao chegar ao final desse corredor, chega-se à curva abobadada em concreto bruto e poroso do vertedouro que declina em direção ao canal. Um efeito de torvelino é sugerido pela forma percebida, embora lá embaixo apenas se aviste um fio de água que escorre sob a passagem de pedestres. Em uma das faces laterais da barragem, os gradis

que protegem a entrada da abertura às águas destacam-se aéreas sobre o espelho d'água. Na outra lateral, da qual se avista a cidade, a empena inclinada em granito indica simultaneamente a profundidade do vale, a extensão e a largura da cunha que sustenta a massa d'água. Além do limite da rodovia, encontra-se a reserva de pedra bruta que abasteceu a construção da represa. A memória desse processo encontra-se em película disponível na internet, onde se observa o prestígio de Saturnino de Brito, a rudeza do trabalho negro entre ferramentas pneumáticas, o método de coleta e transporte das rochas, as quais eram deslizadas uma a uma por trilhos ferroviários adaptados para sua condução ao leito da represa.

O conjunto do engenho (guarda-corpo, passarela, cunha, vertedouro) dialoga com a topografia local formando um marco visual que anuncia a represa ao longe. Porém, traz também à lembrança espaços disciplinares, justapostos ao propósito funcional e ao cuidado estético de construir uma visualidade aprazível entre morros. A estética de condução dos corpos fluídos apresenta uma natureza regrada, servil à sua função de abastecimento e de provimento energético ao mesmo tempo que rememora o processo de sua construção.

Em um ano de carência de chuvas (2014), depois de quase um século de sua construção, essa barragem erguida em Poços de Caldas, em 1936, atrai o olhar por sua delicadeza embrutecida e pela importância adquirida para contenção das águas. Projetada pelo engenheiro sanitarista Saturnino de Brito, depois de ter desenvolvido seus projetos emblemáticos em Santos e Vitória, ela compõe o conjunto de muitas

outras obras em localidades diversas nas quais se colocaram em prática os preceitos sanitaristas de controle e de constante fluidez das águas, associados a um cuidado estético no trato dos caminhos de passagem e na composição de visualidades resultantes do barramento. De sua construção origina-se o lago a poucos quilômetros da região central da cidade, criando um “parque natural” que realiza, como dirá Andrade, “a metáfora da cidade como um corpo são e belo”.

Entretanto, a represa de onde se avistava, ao longe, a cidade, sendo ela um dos limites e referência do perímetro urbano, hoje se encontra comprimida como ponto intermediário entre duas áreas de expansão urbana. O limite da barragem é margeado pelo o fluxo viário em cota intermediária às montanhas abrigando áreas de terraplanagem, loteamentos e novos condomínios. Observando-se ao longe, percebe-se, nas elevações adjacentes, mais pontos de organização urbana. Nos limites opostos ao lago, em região de baixios, o campo destinado à pastagem mistura-se a algumas áreas de plantio de eucaliptos e à manutenção de nascentes, podendo-se identificar manchas de vegetação nativa e a presença constante da malha urbana que envolve, pouco a pouco, o lago e adjacências, transformando-os em uma enorme rotatória. Hoje a barragem se “apequenou”, não se realiza mais como marco visual sob a velocidade dos automóveis, restringe-se, como ponto de visitação, a um restaurante à sua margem que recebe dominicamente os moradores oriundos do conjunto habitacional instalado a nove quilômetros do centro urbano.

### **Saturnino II - extensão**

As vias de saída de uma cidade nem sempre se confirmam. Onde se anuncia uma autoestrada, por vezes, iniciam-se novos núcleos urbanos dispersos, desatados. Por uma dessas vias nos dirigimos à Saturnino, uma imagem imprecisa que talvez se refira a um lago, a uma represa qualquer onde, ao lado, passa uma via rápida. Indo em sua direção, no entanto, há muitos atrativos: um pequeno trevo anuncia um novo bairro; a seguir, terrenos baldios em série, galpões de nada, um hospital, do qual, instalado “ladeira abaixo”, avista-se apenas o telhado. Atrás dele, o fio de água que escorre de Saturnino em tempo de seca.

Um pouco mais adiante, margeando ambos os lados da rodovia, observa-se a confirmação da expansão

do negócio turismo opondo centro de convenções e um parque de diversões temático que se apropriam das facilidades viárias, das vistas ainda aprazíveis e da referência, do renome adquirido pela cidade para alavancar o turismo local. Seguindo uma pouco mais adiante, na rodovia, à esquerda, Saturnino, passou!

Dirigimo-nos a um encontro entre autoestradas que contornam o núcleo urbano principal, formando um anel, comum aos grandes centros, às margens das quais novos bairros pontuam. Ao transpor o limite na bacia de Saturnino, na baixada de um vale alongado, observa-se um dos polos de expansão que se iniciara nas décadas de 60-70: o Conjunto Habitacional, este construído nas proximidades da fábrica de alumínio Alcoa, implantada nos anos 60. Ambos inauguraram um novo modelo econômico para a cidade ampliado pela mineração e a indústria, somando-se à vocação turística que, naquele tempo, enfrentava uma baixa em seu glamour de cidade balneária e de jogos.

Ao chegar em suas cercanias, o que é característico se dissolve, a repetição do casario transformou-se e consolidou-se no tempo, sendo possível reconhecer algo de “pitoresco”, como uma identidade própria economicamente definida, avistada e ordenada pela linha viária. As habitações se espalham, confirmando uma arquitetura que se repete, destituída do modelo urbanístico que guiara o núcleo original de Poços de Caldas, situada a mais de oito quilômetros de distância. À homogeneidade do conjunto habitacional opõe-se a descontinuidade do perímetro urbano. Os enormes vazios entre áreas distintas apresentam uma outra cidade dissociada, segregada, embora não destituída de um sentido de pertencimento a si própria.

### **Saturnino III - moldura**

Sob a orientação do trajeto viário, o tempo se acelera convertendo os lugares em instantes de passagem. O olhar, conduzido pelo carro, instala uma noção de percurso objetivado, não afeito à paisagem, aos lugares, mas orientado por transpor o território, reconhecendo sempre novos chamamentos. Nesse ínterim, o lago de Saturnino dilui-se enquanto limite ou referência espacial para a chegada a um destino.

Retornar ao lago, à barragem, é interromper nossa destinação para encontrar outro sentido de território,

complementar ao olhar que enquadra, estabelecendo relações entre parciais para, talvez, termos paisagem. Nesse movimento, a fotografia é instrumento para construção de uma ordem desejada, elemento de estabilização de uma relação transitória, extensão de uma concepção visual que outrora fora também diretiva da implantação da barragem proposta por Saturnino de Brito.

Como avesso às visuais que orientam o encontro com o projeto do urbanista, reconhece-se, acima do lago, uma moldura formada pelos novos loteamentos avistados nos altos dos morros. Entre ambos, lago/barragem e os loteamentos, experimenta-se um intercâmbio entre visualidades opostas, como duas imagens que se desejam mas evitam o contato, reduzindo assim a continuidade do território a espaço a ser transposto.

Chegar ao cume desses morros é entrar por ruas mal calculadas, que mesclam antigas estradas vicinais à malha urbana desconexa, onde novas implantações imobiliárias justapõem-se a bairros já consolidados. Aqui o limite do urbano toma um aspecto característico em razão do acidentado do terreno. A declividade das ruas, a adequação das edificações, fazem com que a localização e a topografia sejam objeto de disputas. A visão, como sentido que se apropria à distância daquilo que se reconhece, torna-se correspondente à valorização das vistas dramáticas e ao culto ao domínio do território pelo olhar. A concepção de paisagem parece restringir-se a uma sucessão de mirantes, conectados à malha urbana pelo carro.

Nesse território ocupado, aqui, ali, encontram-se os últimos remanescentes de um mundo rural, cujo gado vagueia pela sucessão de morros, ruas, pastos, chácaras, disputando espaço com tratores que escavam os morros e ordenam novos parcelamentos.

A fotografia novamente nos serve, calada, selecionando e ratificando achados.

### Saturnino IV - caminhar

Da região, recortada pela criação contínua de desejos de morada (os novos loteamentos), acessa-se o lado oposto do lago. Por entre o pasto urbanizado, reencontra-se o passo do caminhante. O território adensa-se na incerteza das trilhas, nos limites imprecis-

os do lago, na descoberta de cercas, açudes, nascentes. O olhar, absorto pela horizontalidade, parece incapaz de guiar-se em justa escala. Em um pasto, com alguma mata ao fundo, um bom tanto de eucaliptos e a lâmina d'água refletindo o céu, são os detalhes que fazem sentido. As curvas guiam, as cercas anunciam passagens, os desníveis indicam possíveis redutos de água. No entanto, no horizonte, o anúncio constante de cidade lembra o objetivo daquela área.

Nas pequenas frações de terra, de pedras, de cercas, uma narrativa é possível ser criada orientada pelo passo que se faz olhar e percurso. O território aqui evocado é outro, possui uma autonomia, a das imagens que lhe são atribuídas, justapostas à imersão no sítio que faz o corpo modular-se e estender-se em espaço. Por meio do limite do quadro da câmara, o corpo compartilha com o olhar um desejo de ordem, de construção e de encontro com referências sedimentadas na memória. O desejo de uma documentação objetiva mescla-se à descoberta de uma poética própria ao caminhar, coletando indícios em meio ao acaso percebido. A fotografia é lugar, então, do exercício dessa estabilidade temporária do caminhar. É ela em si o "fiel" que regula e constrói polaridades, documento e imaginação, acaso e ordem, permanência e dispersão.

As frações das rochas coletadas e ordenadas pelo quadro da câmara, assim, conduzem-nos a outros diálogos: representações cartográficas, munires de tempos ancestrais, arranjos e deslocamentos de uma dialética site/non-site. Entretanto, sob o delicado silêncio dessa região a cidade prevalece ao longe.

### Saturnino – interseções

Modelado pela topografia, pelo traçado urbano, pelos deslocamentos, desejos de morada e de visitação, o olhar desloca-se do jogo de aproximações e distanciamentos praticado pelo observador para a seleção e a ordem calculada do quadro da câmara fotográfica. Assim, o próprio território percorrido é espaço revisitado e rememorado em fotografias e imagens fixadas na memória. A palavra contribuiu para a exploração dessas imagens, possibilitando novos arranjos e interpretações do território. Se a fotografia, a memória, a palavra orientam a leitura da área, a tradução de um a outro termo e o intervalo entre as partes permite ao leitor ampliar o relato descritivo que aqui foi praticado.

Recebido [Jun. 12, 2015]

Aprovado [Out. 16, 2015]